

1. INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O WORKSHOP

Título do workshop: O uso abusivo de dados pessoais e a falta de transparência de algoritmos na distribuição de “fake news”

Formato: Debate

Proponente: União Brasileira de Mulheres do Amazonas - UBM/AM

Estado: Amazonas.

Cidade: Manaus

E-mail: ubm.amazonas@gmail.com

Responsável: Laide Barros de Medeiros.

Gênero: Feminino

Estado: Amazonas

Organização: UBM

Setor: Terceiro Setor.

Co-proponente: Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé

Responsável: Renata Mielli.

Genero: Feminino

Estado: São Paulo

Cidade: São Paulo

E-mail: renatamielli@msn.com

Organização: Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé

Setor: Terceiro Setor

- Debatedores:

Nome: Tanara Lauschner

Gênero: Feminino

Estado: Amazonas

Cidade: Manaus

E-mail: tanara@icomp.ufam.edu.br

Organização: União Brasileira de Mulheres(UBM)

Setor: Terceiro Setor

Mini-biografia: Atua na movimento de Mulheres pela UBM e de Mullheres em TI, é Coordenadora do Programa Cunhantã Digital. Dra. em Informática. Profa. da Universidade Federal do Amazonas desde 2002, e Diretora do Instituto de Computação.

Nome: Jonice Oliveira

Gênero: Feminino

Estado: Rio de janeiro

Cidade: Rio de Janeiro

E-mail: <http://www.joniceoliveira.net/>

Organização: UFRJ/ Laboratório CORES.

Setor: Comunidade Científica e Tecnológica

Mini-biografia: Dra na área de Engenharia de Sistemas e Computação. Recebeu o prêmio IBM Ph.D. Fellowship Award. Desde 2009 é professora do Departamento de Ciência da Computação da UFRJ e atualmente é coordenadora do PPGI-UFRJ. Coordena o Laboratório de Computação Social e Análise de Redes CORES.

- Moderadora:

Nome: Renata Mielli

Gênero: Feminino

Estado: São Paulo

Cidade: São Paulo

E-mail: renatamielli@msn.com

Organização: Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé

Setor: Terceiro Setor

Mini-biografia: Coordenadora geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação – FNDC e secretária geral do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé. É jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero. Integra a Campanha Banda Larga é um Direito Seu, por uma internet barata, de qualidade e para todos; a Coalizão Direitos na Rede; e a Câmara de Inclusão Digital do Comitê Gestor da Internet.

Relatora:

Nome: Laide Barros

Gênero: Feminino

Estado: Amazonas

Cidade: Manaus

E-mail: lbarros65@gmail.com

Organização: União Brasileira de Mulheres

Setor: Terceiro Setor

2. Estrutura do Workshop

Objetivos e resultados (proposto e atingidos)

O objetivo desse workshop foi aprofundar a discussão sobre o uso de dados pessoais e dos algoritmos para o perfilamento dos usuários e direcionamento de “fake news”. A disseminação de boatos, desinformação, notícias fora de contexto ou falsas não nasceu com a internet. O que as plataformas digitais fizeram foi dar escala, velocidade e direcionamento jamais vistos antes para a circulação dessas notícias. O que se pretendeu discutir foi como a coleta e o tratamento de dados — que são parametrizados por algoritmos que determinam o funcionamento das principais plataformas da internet, como Facebook, Instagram, Twitter, Google — são usados para disseminar as chamadas “fake news” no ambiente digital, interferindo no processo de decisão sobre políticas públicas, movimentos políticos e até resultados eleitorais. E, também, para determinar perfis de consumo, impulsionando mercados e empresas. Neste sentido, o combate à desinformação que circula na internet precisa ser feito a partir da discussão do papel das plataformas nestes processo, da falta de transparência no funcionamento dos algoritmos e de como os dados são usados para criar as bolhas de afinidade e interesse que potencializam a circulação dos conteúdos que reforçam as ideias e opiniões prevalecentes em cada bolha.

Justificativa em relação a governança da Internet

Se partirmos da compreensão que o fenômeno da disseminação de desinformação na internet é baseado na coleta e uso de dados pessoais e no funcionamento dos algoritmos utilizados pelas plataformas, a discussão tem uma forte dimensão de mecanismos de governança da internet. A discussão de boas práticas das plataformas, medidas de proteção de dados pessoais, e a discussão de governança de algoritmos tem sido um dos principais temas de debate no campo das organizações que atuam na governança da internet. Sem dizer que muitas das propostas que estão em debate no Congresso Nacional para lidar com o problema impactam em mudanças no Marco Civil da Internet, alterando o artigo 19 para permitir a retirada de conteúdos por Notice and Take Down. O tema tem relação com a defesa da privacidade e dos direitos humanos na rede e, também, com os princípios de governança democrática e colaborativa.

Metodologia e forma de participação desenvolvida durante o workshop

O formato do debate foi: cada debatedora teve 7 minutos para fazer sua apresentação inicial. Depois que todos falarem houve mais 3 minutos para comentar ou discorrer sobre o que foi colocado pelos demais debatedores. Depois da participação do público, os debatedores responderam às perguntas e fizeram suas considerações finais em mais 5 minutos cada. Foi aberto para 7 perguntas ou posicionamentos do público presencial e 3 para o público que esteve acompanhando pela transmissão ao vivo.

3. Síntese dos debates

O painel foi aberto pela moderadora Renata Mielli, que após fazer as saudações iniciais, agradeceu ao Comitê Gestor da Internet pela oportunidade de organizar o workshop no VIII Fórum da Internet no Brasil para discutir o uso abusivo de dados pessoais e a falta de transparência de algoritmos na distribuição de “fake news”. Após apresentar as debatedoras expôs os objetivos do debate que foi aprofundar a discussão sobre o uso de dados pessoais e dos algoritmos para o perfilamento dos usuários e direcionamento de “fake news”. Na sequência, Renata Mielli passou a palavra às debatedores. As discussões que se seguiram foram sistematizadas abaixo:

Tipo de manifestação (posicionamento ou proposta)	Conteúdo	Consenso ou Dissenso	Pontos aprofundar	a
Tanara Lauschner:				

<p>As pessoas geram grande volume de dados pessoais a partir do acesso a internet, seja por buscas, compras, Localização da GPS, entre outros.</p>	<p>Os dados pessoais estão sendo disponibilizados para algumas empresa a partir de acesso feito por dispositivos e plataformas</p>		
<p>As “fake news” ou notícias falsas são desinformações nos meios digitais propagadas em grandes velocidades.</p>			
<p>Faz-se um paralelo dos algoritmos a uma receita de bolo, em que ambos seguem uma ordem e quantidades a serem processados para fazer um bolo ou uma programação.</p>	<p>O big data é composto a partir dos nossos dados pessoais que são minerados por algoritmos que estão lidando com ingredientes pra fazer muitos bolos para muitas pessoas ao mesmo tempo. Máquinas que são capazes de processar grande volumes de dados</p>		
<p>Há uma grande concentração de dados e poucas empresas ou seja há um monopólio de dados</p>	<p>Os grandes volumes de dados podem ajudar ou não em nossas vidas. Podem sugerir rotas, já que sabem o caminho que estamos fazendo, podem dar sugestões de filme, já que sabem o filme que estarei assistindo, sabem dar sugestões de hotéis, já que sabem que eu tenho uma reserva no hotel(...)</p>	<p>O perigo está nos vazamentos dos dados, que não são percebidos pelas empresas e levam até em média um ano para perceberem estes vazamentos.</p>	

Jonice Oliveira			
As pessoas se informam pelas mídias sociais	As empresas conhecem o perfil das pessoas	As mensagens são enviadas de acordo com o perfil que é traçado de cada uma das pessoas, a partir de suas crenças,	Como funcionam esses algoritmos para mostrar as mensagens na timeline Como cada plataforma faz o seu código
Como definir política pública de accountability que deva ser respeitada pelas plataformas. Como trabalhar essa transparência de algoritmos para que o usuário saiba o que está sendo feito dos seus dados	É preciso um letramento digital dos indivíduos		Pensar numa solução de compromissos entre medidas de caráter proibitivos que não comprometam a liberdade de expressão
A sociedade como um todo precisa se mobilizar para responsabilizar as empresas que monopolizam nossos dados para que possamos ficar mais protegidos	O escândalo do facebook como o Cambridge Analytica e a interferência na eleição de Donald Trump e Brexit no Reino Unido 30 milhões de usuários tiveram seus dados vazados no facebook no mês de setembro no Brasil		Como o facebook pretende proteger os dados? Qual a responsabilidade das plataformas em relação aos vazamentos?
Não tem como falar de comunicação sem falar das mídias sociais	O usuário pode disponibilizar qualquer imagem, textos... esses dados são enriquecidos com outros dados, os metadados.	Com o próprio perfil do usuário, a geolocalização, hashtags, servem como ponteiro para identificar postagens como também expressar reações a esses dados.	
A questão do uso de dados na internet nas eleições não é recente	1ª Geração - Gerson Ventura - Uso de spam e e-mails 2ª Geração - Era Bush - Uso de chat 3ª Geração - Obama - uso expressivos dos dados e das redes	O uso do dark post, apesar de ser legal tem uma ausência de transparência Uso massivo de fake news tiveram uma repercussão muito maior em relação às notícias verdadeiras	Pessoas são agredidas e mortas por conta de fake news. É preciso discutir política para combater, identificar e alertar a população

	sociais 4º Geração - Era Trump - Uso de dados sensíveis, extremamente pessoais.	As fake news estão associadas a mensagens negativas ou pra abalar princípios da população, ou discurso de ódio	sobre isso.
Hoje é possível criar uma fake news e saber a quem direcionar para se tornar crível.	Conforme seu perfil, as pessoas acreditam no que esta sendo colocado, e isso impacta nas suas implicações, como o discurso de ódio, na saúde e recentemente no processo democrático.	Falta pesquisas das influências nas fake news no resultado eleitoral	O papel dos pesquisadores, de todas as áreas é levantar dados mais concretos da influência das fake news no processo eleitoral do Brasil.
Todos nós somos produtores, criadores, e disseminadores de informação	Os dados que nos disponibilizamos não são nossos, pertencem a uma empresa	Nos não sabemos o que as empresas fazem de nossos dados	Para se proteger das notícias falsas precisamos limpar o histórico, apagar cookies, verificar as origens da informação, e pelo ensino a chamada mídias literatus.
Perguntas online			
1 Que tipo de políticas públicas podem gerar impactos negativos das fake news?			
2. Sobre estes algoritmos/plataformas que de certa forma acabam se tornando nocivos para seus usuários, como podemos minimizar os danos que estas plataformas podem causar em um ambiente como uma cidade inteligente? E se o problema continua sendo a legislação o quão avançados o Brasil se encontra em relação a este tema?			A palavra nociva é muito pesada, existem bolos (algoritmos) muitos gostosos também. Nós podemos nos aproveitar deles também. A questão de minimizar os danos, é preciso ter um efeito crítico do usuário, não é só uma questão tecnológica, mas uma solução educacional, que deve vir desde a infância, como o desenvolvendo do espirito critico.

		<p>É importante que a gente tenha em mente que sempre há novas legislação de proteção de dados pessoais, tanto no Brasil como na DPR, elas nos trazem o que é a coleta de dados para um fim específicos.</p>
<p>Perguntas da Plenária</p>		
<p>1.Entendo que a Jonice fala que os dados são das empresas, mas na verdade são nossos, a gente acaba de aprovar uma lei, que tem um capítulo inteiro dos titulares e que vai entrar em vigor em 2020(...) Os dados vão continuar sendo gerados, continuar sendo coletado e a diferença é como a gente vai lhe dar com eles, qual a cobrança que a gente vai fazer para que a finalidade deste dado seja específico(...)Até onde a gente pode exigir transparência das empresas em relação ao uso do algoritmo ou se a nossa briga vai necessariamente no início desse processo, na coleta de dados para que ela seja feita com bases em algumas regras que a lei de proteção de dados já estabelece.</p>		<p>Nossos dados, apesar de serem nossos, nós não temos acessos a eles, porque existe dois tipos de dados, os nossos mesmos que colocamos, que nos representam e outros, os dados inferidos que essas empresas coletam e criam novos conhecimentos a respeito desses dados.</p> <p>Os dados são nossos, mas as bases de dados não são nossos e essa é a grande questão, nós não sabemos como elas estão organizadas, não sabemos acessar e com quem estão sendo compartilhadas, então sem duvida, os dados são nossos mas as bases não.</p>
<p>2.Quando nos utilizamos redes sociais, inclusive baixando gratuitamente o produto não é aquilo que nós consumimos, o produto somos nós, tanto que foi feito um estudo que o facebook fez</p>		<p>Eu como usuária gostaria de ter dois acessos, um a informação, porque aquele dado está</p>

<p>experiências com os usuários e direcionou que tipo de conteúdo recebiam, obviamente não respeitando a declaração de Helsinki. Mas a questão é que as empresas privadas que detém esses algoritmos tem o interesse privado que é aferir lucro das publicidades, entre outras questões que envolve também as eleições. Complementando a pergunta anterior, o que saber até que ponto nós podemos exigir essa transparência, mas também como nós exigiremos essa transparência, quais os mecanismos para garantir que esses algoritmos fossem feitos de forma transparente?</p>		<p>sendo apresentado na minha timeline, qual foi o caminho que aquele dado teve? Por que aquele conteúdo está sendo apresentado pra mim, principalmente anúncios e recomendações. Qual o perfil que a empresa criou ao meu respeito? O que ela sabe a meu respeito? Eu gostaria de ter acesso a isso e poder aprovar ou não esse resultado.</p> <p>Não pagamos para usar o facebook, o whatsapp, o google porque somos o produto. Precisamos de mobilização social e saber sobre o funcionamento da tecnologia. Se ficarmos calados, vamos ser influenciados, monitorados perderemos nossos dados.</p>
<p>3. A pergunta que eu gostaria de fazer está muito direcionada ao que foi exposto sobre o combate da fake news, porque é algo que a gente tem visto aqui no Fórum em vários painéis é que a gente tem grande parte da população com o uso da internet muito restrito por um pacote de dados, e que esse uso está sempre restrito aos aplicativos que são dissipadores desse tipo de informação, como o facebook e outras mídias sociais, então as estratégias que a gente tem de combater fake news hoje, como os projetos de</p>		<p>É difícil de uma maneira computacional identificar a fake news ela não é só texto, é imagem, vídeo, que pode ser alterado em tempo real. O discurso de ódio é mais fácil de ser identificado, a plataforma poderia intervir e perguntar se o usuário quer de fato disseminá-lo? Se a plataforma fizesse</p>

<p>entrar e ter acesso a sítios diferentes, buscar fonte original, não necessariamente estar acessível a esse público, então a minha pergunta é qual são as estratégias que a gente tem que usar para esse publico que tem esse acesso limitado e que não vai ter como utilizar as ferramentas que nós como pessoas engajadas dentro do âmbito da internet, temos acesso hoje em dia, pra que eles também tenham essa conscientização dentro do ambiente que eles tem acesso no momento.</p>		<p>assim já ajudaria da conscientização deste usuário.</p> <p>A internet é muito mais rápida em evolução do que qualquer politica de educação,</p>
<p>4. Essa semana foi promulgada uma nova lei na Califórnia, que de certa forma eles limitam, quais seriam os dados que nós passaríamos para essas empresas, não sei se a mesa já tem o conhecimento da lei, e eles colocam limites e inclusive eles asseguram se o usuário vai poder escolher se aceita ou não que seus dados sejam repassados para empresas, não sei se é a última instancia, porque as empresas estão de certa forma desesperadas porque a Califórnia é o maior produtor desses tipos de dados que eles tem mais privado a Califórnia pra poder aferir dinheiro e o bom desta lei, que ate o relator comentou, que ela pode se espalhar pelo mundo, então como que nós vamos fazer para proteger esses dados que possivelmente no futuro vá haver uma legislação aplicável como essa da Califórnia para poder valer se nós desejamos ou não que os nossos dados sejam repassados para empresas afim de que eles ganhem dinheiro em cima de nós. A segunda pergunta é a respeito das fake news, a gente sabe que existe um mercado por traz dessas fake news, que muitas pessoas</p>		<p>A lei geral de proteção de dados, traz muito claro a questão do legítimo interesse, então o da coleta especifica para um determinado fim, tem que ter autorização do usuário. Existem empresas que ganham muito dinheiro com a disseminação dos fake news e são muito mais rápido do que as noticias são verdadeiras.</p> <p>Em relação a exterminar as fakes news, tem que perguntar até que ponto isso não seria uma censura, Se proibir é uma solução eu fico com os alertas pelas plataformas aos usuários que aquele conteúdo é um fake news. As pessoas compartilham sem reflexão, sem o senso crítico.</p>

<p>ganham dinheiro tanto divulgando quanto realizando mesmo a primeira publicação das fake news, será que seria possível de fato exterminar com as fake news?</p>		<p>Do ponto de vista do bem que faria a sociedade seria ótimo, mas do ponto de vista do usuário, seria terrível ele ter esse aviso o tempo inteiro. Dificilmente as empresas adotariam um tipo de solução dessas que comprometesse a execução de sua própria plataforma.</p>
---	--	--

Após as considerações finais de cada um dos convidados, Renata Mielli proferiu as últimas palavras de agradecimentos e encerrou o painel.